

LAS PRÁCTICAS SOCIALES

EN LA PRODUCCIÓN, LA DISTRIBUCIÓN
Y EL ACCESO A LA INFORMACIÓN MEDIADAS
POR LAS TECNOLOGÍAS DIGITALES

GEORGINA ARACELI TORRES VARGAS

COORDINADORA



**T58.5
P73**

Las prácticas sociales en la producción, la distribución y el acceso a la información mediadas por las tecnologías digitales / Coordinadora Georgina Araceli Torres Vargas. - México : UNAM. Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2022.
xii, 281 p. - (Bibliotecología, información y sociedad)
ISBN: 978-607-30-6982-3

1. Tecnología de la información. 2. Prácticas sociales.
3. Acceso a la información. 4. Derecho a la información.
I. Torres Vargas, Georgina Araceli, coordinadora. II. ser.

Diseño de portada: Eunice Pérez

Primera edición: 29 de noviembre de 2022

D. R. © UNIVERSIDAD NACIONAL AUTÓNOMA DE MÉXICO
Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información
Circuito Interior s/n, Torre II de Humanidades,
pisos 11, 12 y 13, Ciudad Universitaria, C. P. 04510,
Alcaldía Coyoacán, Ciudad de México

ISBN: 978-607-30-6982-3

Esta edición y sus características son propiedad de la Universidad Nacional Autónoma de México. Prohibida la reproducción total o parcial por cualquier medio sin la autorización escrita del titular de los derechos patrimoniales.

Publicación dictaminada

Impreso y hecho en México

Contenido

PRESENTACIÓN	vii
Georgina Araceli Torres Vargas	

INTRODUÇÃO	ix
Ana Lúcia Terra	

EL VALOR DE LA INFORMACIÓN Y LOS DATOS PARA LAS EMPRESAS Y LA INVESTIGACIÓN

GESTÃO DA INFORMAÇÃO NAS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS: DIAGNÓSTICO E IMPACTO NA TOMADA DE DECISÃO	3
Sónia Catarina Lopes Estrela	

A COLABORAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS EM EQUIPAS DE INVESTIGAÇÃO EM EQUIPAS DE INVESTIGAÇÃO EM SAÚDE E OS DESAFIOS DO MUNDO DIGITAL: UMA REVISÃO DA LITERATURA	21
Maria Luz Antunes, Carlos Lopes, Maria Manuel Borges	

INNOVACIÓN IMPULSADA POR DATOS PARA EL MEJOR FUNCIONAMIENTO DE LOS GOBIERNOS Y LA CIUDADANÍA DIGITAL.	41
Héctor Alejandro Ramos Chávez	

TENDENCIAS EN LA RECUPERACIÓN Y EL DISEÑO DE SERVICIOS DIGITALES

INOVAÇÃO NOS SERVIÇOS DE APOIO À INVESTIGAÇÃO: VISÃO INTERNACIONAL DOS ESTUDOS EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS.	57
Liliana Isabel Esteves Gomes, Inês Margarida Barbosa Da Silva	

RECUPERACIÓN DE INFORMACIÓN EN LOS SISTEMAS DE PRÓXIMA GENERACIÓN.	85
Eder Ávila Barrientos	

INTERFACES PARA LA INNOVACIÓN. EL PAPEL DE LA VISUALIZACIÓN EN EL PROCESO DE DISEÑO DE SERVICIOS Y EXPERIENCIAS.	99
Juan Ignacio Visentin	

ONTOLOGÍAS EN LA RECUPERACIÓN TEMÁTICA-SEMÁNTICA DE LOS RECURSOS DE INFORMACIÓN EN CONTEXTOS BIBLIOTECOLÓGICOS DIGITALES	115
Adriana Suárez Sánchez	

USER EXPERIENCE AND WEB 2.0 IN THE PRODUCTION, DISTRIBUTION, AND ACCESS OF ARCHIVAL INFORMATION IN PORTUGAL: A LITERATURE REVIEW	137
Leonor Calvão Borges, Ana Margarida Dias da Silva	

ACCESO, DISPONIBILIDAD Y DISEÑO DE CONTENIDOS

CONEXÃO E DESCONEXÃO DO AMBIENTE DIGITAL: ENQUADRAMENTO PARA UM ESTUDO DE COMPORTAMENTO INFOCOMUNICACIONAL ANCORADO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	155
Ana Lúcia Terra	

CONTEÚDOS CRIADOS PELOS UTILIZADORES: MOTIVAÇÕES PARA A PRODUÇÃO E CONSUMO	175
Maria João Lopes Antunes	

MEDIAÇÃO HUMANA: DA DISPONIBILIZAÇÃO E ACESSO A DOCUMENTOS E INFORMAÇÃO (DIGITAL) À CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO	189
Maria Beatriz Marques	

DESAFÍOS ANTE EL MUNDO DIGITAL: EDUCACIÓN Y DERECHOS

MEDIACIÓN TECNOLÓGICA EDUCATIVA EN EL ÁMBITO BIBLIOTECOLÓGICO	209
Brenda Cabral Vargas	

LOS DESAFÍOS DE EDUCAR EN UNA ÉPOCA DE TRANSICIONES. MOJONES PARA RECORRER UN TERRITORIO ESCARPADO	231
Alejandro Spiegel	

ESPAÇO BIOGRÁFICO, MORTE DIGITAL E PRIVACIDADE PÓSTUMA: PERSPETIVAS ÉTICAS SOBRE AS MUDANÇAS NOS COMPORTAMENTOS INFORMACIONAIS	251
Paula Ochôa	

COPYRIGHT NO ENSINO SUPERIOR: COMO LIDAR COM REGRAS E EXCEÇÕES DA LEI NO REINO DO DIGITAL?	265
Inês Braga	

Conexão e desconexão do ambiente digital: enquadramento para um estudo de comportamento infocomunicacional ancorado na Ciência da Informação

ANA LÚCIA TERRA
Universidade de Coimbra

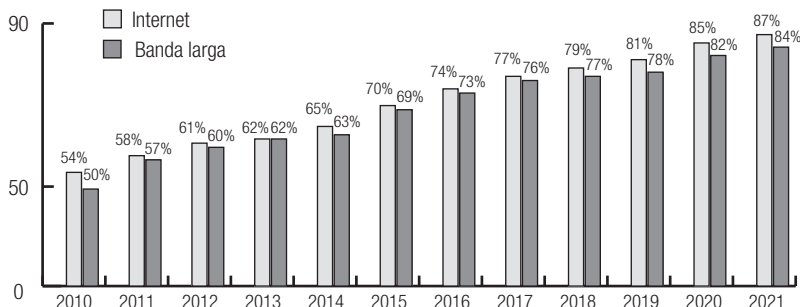
INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, a constante conectividade digital dos indivíduos e das instituições tornou-se uma realidade pervasiva, contaminando e mesmo formatando tanto a vida individual, como coletiva.

Em Portugal, entre 2010 e 2021, a percentagem de agregados domésticos com ligação à Internet em casa evoluiu de 54% para 87% e a percentagem de agregados domésticos com banda larga subiu de 50% para 84% [Fonte: Portugal. Instituto Nacional de Estatística, 2021].

O acesso à infraestrutura de comunicação sustentou e promoveu o crescimento das atividades desenvolvidas online, tendo aumentado o número de utilizadores das redes sociais, do comércio eletrónico, do homebanking ou dos serviços públicos online entre outros.

Fig. 4. Proporção de agregados domésticos com ligação à internet e ligação através de banda larga em casa, Portugal, 2010-2021



Fonte: Portugal. Instituto Nacional de Estatística, 2021.

De acordo com dados do DataReportal,¹ o cenário português está alinhado, ainda que com alguma vantagem, com a realidade internacional. De facto, em 2021, 60,9% da população mundial tinha acesso à Internet e 56,8% estava presente nas redes sociais, onde passava diariamente, em média, 2h24mn. [Fonte: DataReportal. Digital 2021: Global Overview Report. 2021. <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report/>].

Figura 2. Acesso a comunicações móveis, Internet e redes sociais no mundo em 2021



Fonte: DataReportal. Digital 2021: Global Overview Report. 2021. <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report/>.

1 <https://datareportal.com/>.

Ainda que estes dados numéricos se apresentem como difíceis de aferir rigorosamente, por falta de explicitação das metodologias de recolha de dados, além de serem em parte motivados por intentos comerciais, eles têm implicações práticas na formulação dos discursos políticos. Por outro lado, apesar das suas limitações, indiciam tendências, às quais importa atender.²

Neste cenário de acesso crescente à infraestrutura de comunicação digital, como evidenciou Selwyn, as retóricas tradicionais, associando progresso e tecnologia, tendem a ver como patológico o não uso da tecnologia, invocando razões tão diversas como a fobia tecnológica, motivos económicos ou ideológicos.³ De facto, o uso da tecnologia é apresentado como um “pré-requisito” para viver na sociedade da informação.

Num contexto, onde se promove social e politicamente a conectividade digital, a ideia de que o acesso à informação online está a reestruturar a nossa estrutura cerebral, tornando-nos menos capazes para manter uma atenção focada de forma prolongada, é defendida por alguns autores.⁴ Como notou Carr, ao navegar na Internet, focamo-nos intensamente no meio propriamente dito, o ecrã cintilante, mas distraímos-nos com as mensagens e os estímulos contínuos, que competem entre si pela nossa atenção. Na verdade, a Internet capta a nossa atenção para depois a dispersar, levando-nos a um estado nativo de distração irreflexiva, ou seja um estado constante de desatenção potenciado por uma cacofonia de estímulos, que dificulta o pensar de modo profundo ou criativo.⁵ Já no final do século XX, Shenk advertia que o recurso a *hiperlinks* podia ser uma estratégia útil mas que devia ser usada

2 Sally Wyatt, “Non-Users Also Matter: The Construction of Users and Non-Users of the Internet”.

3 Neil Selwyn, “Apart from Technology: Understanding People’s Non-Use of Information and Communication Technologies in Everyday Life”.

4 Nicholas Carr, *Os Superficiais: O Que a Internet Está a Fazer Aos Nossos Cérebros*; David Shenk, *The End of Pacience: Cautionary Notes on the Information Revolution*; Mary Aiken, *The Cyber Effect*.

5 Carr, *Os Superficiais: O Que a Internet Está a Fazer Aos Nossos Cérebros*, 149-150.

com cuidado para que não determinasse o nosso modo de pensar, cada vez mais configurado pelo fim da paciência, exacerbado pela poluição informacional, que ele denomina noutro livro de *data smog*.⁶

Por seu lado, Aiken foca os comportamento impulsivos e compulsivos potenciados pelos dispositivos digitais, especialmente *smartphones*, ininterruptamente ligados à Internet e com alertas e notificações frequentes. Na sua perspectiva, a adição à tecnologia digital decorre do design e das funcionalidades dos dispositivos bem como do modo como os próprios conteúdos digitais são concebidos e disponibilizados ao público. É neste sentido que a autora apresenta e discute o conceito de comportamento aditivo da Internet (*Internet addictive behavior*), reconhecendo que o tratamento tradicionalmente aplicado a qualquer adição, a abstinência total, não é viável com a tecnologia digital e com o acesso à Internet porque ambos são hoje indispensáveis à vida tal como a conhecemos e concebemos no presente e no futuro. Assim, na sua perspectiva será mais operativo investir no autoconhecimento dos próprios comportamentos, o que poderá permitir aprender a adaptar-se, a ser mais resiliente e disciplinado, menos compulsivo e mais focado. Nesta perspectiva, a autora prefere falar em *cyber maladapted* em vez de *Internet addictive behavior*.⁷

Esta linha de pensamento tem sido reforçada por estudos mais recentes, focados nas redes sociais e no uso dos dispositivos móveis, e que enfatizam o seu efeito aditivo perverso para a interação social, para o bem-estar mental dos indivíduos e para o desempenho profissional ou académico.⁸ Assim, como reação a esta conectividade digital permanente, têm surgido alguns movimentos de promoção à desconectividade, enfatizando uma relação mais saudável com o uso da tecnologia e a presença online.

6 Shenk, *The End of Patience: Cautionary Notes on the Information Revolution*, 41-42.

7 Aiken, *The Cyber Effect*, 46-87.

8 Yubo Hou *et al.* "Social Media Addiction: Its Impact, Mediation, and Intervention".

Neste cenário, o comportamento informacional, entendido como a totalidade do comportamento humano relacionado com as fontes e os meios de informação, incluindo tanto a informação passiva como ativa,⁹ apresenta-se complexificado, impondo-se perspectivas de abordagem integradoras de uso e de não uso das tecnologias.

De modo a contribuir para esta reflexão, no presente texto, será feita uma reflexão sobre o conceito de uso e de não uso das tecnologias e apresentadas e discutidas tipologias categorizadoras deste comportamento.¹⁰ Será ainda debatida a noção de *digital detox* ou recusa dos média (*media refusal*), entendida como uma opção voluntária de afastamento dos dispositivos tecnológicos com conexão à Internet, em especial dos smartphones e das redes sociais.¹¹ Partindo deste enquadramento teórico, pretende-se contribuir para a compreensão do movimento designado de *digital detox*, ou de abstinência tecnológica, a partir de comportamentos auto-declarados de utilizadores da Internet. Neste intuito, é apresentada a matriz de um procedimento de recolha de dados sobre o comportamento infocomunicacional incidindo sobre perceções de desconetividade.

RETÓRICAS SOBRE CONEXÃO E DESCONEXÃO DIGITAL

Desde meados da década de 1990, a comunidade científica e académica preocupou-se com os diferentes níveis de acesso às

9 T. D. Wilson, “Human Information Behavior”.

10 Eric P.S. Baumer *et al.* “Limiting, Leaving, and (Re)Lapsing: An Exploration of Facebook Non-Use Practices and Experiences”; Eszter Hargittai and Yu-li Patrick Hsieh, “From Dabblers to Omnivores: A Typology of Social Network Site Usage”; Christine Satchell and Paul Dourish, “Beyond the User: Use and Non-Use in HCI”; Devansh Saxena *et al.*, “Methods for Generating Typologies of Non/Use”; Sarita Yardi Schoenebeck, “Giving up Twitter for Lent: How and Why We Take Breaks from Social Media”.

11 Theodora Sutton, “Disconnect to Reconnect: The Food/Technology Metaphor in Digital Detoxing”; Trine Syvertsen, *Digital Detox: The Politics of Disconnecting*.

Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), conceptualizando ideias como fratura digital, info-ricos, ou info-pobres, para citar apenas algumas. A desconexão digital era então apresentada essencialmente como uma fragilidade involuntária com a qual os indivíduos tinham de lidar, e que decorria de factores socio-económicos ou geográficos de grupos sociais na periferia dos centros de poder. Mas este ponto de partida era incapaz de representar e explicar a diversidade das atitudes de aceitação e de uso das TIC por parte dos indivíduos. Como bem sublinhou Selwyn, ainda no início do novo milénio, para uma explicação plurifacetada do não uso das tecnologias é essencial compreender as necessidades de informação dos indivíduos, sem sobrestimar as necessidades impostas por diferentes esferas de poder. Neste sentido, é necessário ultrapassar uma visão restritiva que vê os indivíduos apenas como “end users” (utilizadores finais) sem vontade pessoal, explorando os processos subjacentes ao modo como as tecnologias são adotadas e usadas.¹²

Captar as dinâmicas, experiências e práticas quotidianas pessoais, muitas vezes imprevisíveis, diferenciadas ou mesmo irracionais, ajudará a compreender estas opções de conexão e de desconexão do ambiente digital. Contudo, Saxena, Skeba, Guha & Baumer sublinham a dificuldade em desenvolver tipologias capazes de retratar adequadamente a diversidade dessas formas sociotécnicas de adesão e não adesão à conexão observadas na realidade quotidiana. Até porque, como bem referem, “the digital divide in terms of internet access should be seen not as a binary but as a spectrum. This spectrum includes, among others, the truly unconnected, who have no possibility for internet access; dropouts and evaders, who could have internet access but choose not to”, acrescentando que “[...] documented forms of non/use are both numerous and increasing in number with almost every study. Many of those forms are specific to a given sociotechnical setting

12 Selwyn, “Apart from Technology: Understanding People’s Non-Use of Information and Communication Technologies in Everyday Life”.

or context of non/use”.¹³ Considerando esta complexidade, os autores propõem uma metodologia para criar tipologias de recolha de dados adequadas a cada contexto específico.

Por seu lado, Satchell & Dourish, situando-se no campo da Interação Homem-Máquina (*Human-Computer Interaction*), propõem-se examinar o uso e o não-uso como componentes de uma realidade única muito lata, em especial à medida que as tecnologias digitais se transformam nitidamente em objetos culturais.¹⁴ A área da Interação Homem-Máquina preocupa-se, naturalmente, com os não utilizadores porque os perspetiva como utilizadores potenciais, não são utilizadores no presente de uma determinada tecnologia ou plataforma mas sê-lo-ão no futuro. Contudo, a sua abordagem estende-se além desta forma básica de não uso, levando-os a tipificar seis práticas de não uso: adoção tardia, resistência ativa, desencantamento, sufrágio restritivo, deslocalização e desinteresse. A adoção tardia é a forma de não uso mais frequente na literatura da área Interação Homem-Máquina. Nesta perspetiva, os comportamentos de adoção da tecnologia são explicados com uma curva em S, na qual se verifica uma adoção inicial da tecnologia por um número reduzido de “inovadores” ou “pioneiros”, seguida de uma fase de difusão rápida da tecnologia através da sociedade e, finalmente, um período de crescimento lento alimentado pelos “atrasados”.

Contudo, esta abordagem está essencialmente voltada para averiguar quem *ainda* não usa a tecnologia e sugere que o não-uso é inevitável mas também irrelevante, pelo menos do ponto de vista estatístico. A resistência ativa aplica-se aqueles que aqueles que se recusam com firmeza a adotar uma tecnologia, de forma ativa e ponderada, por razões de ordem diferente como a preocupação com a privacidade e o controle de informação pessoal, a gestão do tempo, a preferência por modalidades alternativas de interação ou participação ou pontos de vista políticos relativamente às empresas tecnológicas ou às responsabilidades do Estado, entre outras.

13 Saxena *et al.* “Methods for Generating Typologies of Non/Use”, 27:2

14 Satchell and Dourish, “Beyond the User: Use and Non-Use in HCI”.

Assim, estes autores consideram a resistência ativa como um posicionamento que tem de ser enquadrado num esforço coletivo para dar sentido às tecnologias, contribuindo para o debate e para os processos de negociação que envolvem o papel das tecnologias na sociedade. A propósito disto, esclarecem que “[...] eager adopters and active resisters are both responding to and shaping cultural interpretations of technology, even though they do so in different ways; their perspectives each play a role in the cultural appropriation of technologies”.¹⁵

O desencanto pode constituir uma variante da recusa ativa e está associado a um uso relutante ou parcial, fundamentado na nostalgia de um mundo que vai desaparecendo e onde as interações eram mais autênticas. Contudo, não deixa de ser irónico que a evolução tecnológica transforme numa memória saudosa o que no presente é visto como uma experiência com falta de autenticidade terrível (cf. evolução das cartas manuscritas para o email, para as mensagens instantâneas ou Twitter). Apesar destas tensões, este conceito de nostalgia não deixa de ser relevante numa análise qualitativa, ilustrando essencialmente as ansiedades do presente sobre a relação com a tecnologia. O sufrágio restritivo (*disenfranchisement*) é apresentado pelos autores como uma das formas mais claras de não-uso, ainda que seja pouco estudado. Verifica-se quando grupos sociais particulares são simplesmente ignorados pelas estruturas tecnológicas. A este propósito citam como exemplo os estudos sobre tecnologias móveis e mobilidade normalmente focados em populações jovens, com bom nível de rendimento e com apetência para a mobilidade dentro das áreas urbanas, quando, possivelmente, a maioria da população urbana não se enquadra neste perfil, perspetivando a mobilidade urbana como uma imposição das suas condições de vida e não como um desejo pessoal. Nesta perspetiva, serão não utilizadores devido às plataformas não os considerarem como utilizadores-alvo. Outra forma de não-uso invocado pelos autores é a deslocalização (*displacement*), exemplificado com o uso de um dispositivo pessoal como um meio de

15 Satchell and Dourish, 11.

aceder a serviços por parte de quem não é o dono desse dispositivo, como no caso de um telefone ou de um computador, numa aldeia remota de África. Outro exemplo desta forma de não-uso é o recurso à conta de uma rede social de um conhecido para aceder a determinada informação/serviço. Neste caso, questionam a noção de não-uso pois o facto de não se dispor diretamente de dispositivo ou do serviço não significa que não se use indiretamente. A última forma de não-uso tipificada diz respeito ao desinteresse, no sentido em que os investigadores não se debruçam muitas vezes sobre o que tem significado para a comunidade que abordam mas sim sobre o que tem importância para a comunidade científica. Neste sentido, propõem que “[...] the use of technology needs to be seen as an act of consumption within a symbolic structure, rather than simply task performance within an instrumental one”.¹⁶

A partir da década de 2010, os estudos de uso/não-uso passaram a dedicar especial atenção às redes sociais, em especial ao Facebook, considerando limitativo incidir numa distinção binária entre utilizadores e não utilizadores, propondo antes um enfoque destinado a captar o nível de envolvimento dos utilizadores das redes sociais, incidindo sobre a frequência e a diversidade de uso de redes sociais.¹⁷ Hargittai e Hsieh propõem uma matriz para classificar os utilizadores das redes sociais aplicando estes critérios. Assim, distinguem os amadores (*dabblers*), que só usam uma rede social esporadicamente, os experimentadores (*samplers*), que usam mais do que uma rede social mas sem grande frequência, os devotos (*devotees*), que são muito ativos numa só rede social, e os omnívoros (*omnivores*) que estão presentes em mais do que uma rede social onde desenvolvem atividade intensa. Para testar esta matriz, desenvolveram um estudo com estudantes universitários, sublinhando tratar-se de uma população ideal dado o seu elevado nível de conectividade, aos quais aplicaram propositadamente um questionário em papel. Neste sentido, escolheram um universo onde, à priori,

16 Satchell and Dourish, 13.

17 Hargittai and Hsieh, “From Dabblers to Omnivores: A Typology of Social Network Site Usage”.

a conectividade é a norma e a desconexão se apresenta geralmente como marginal. Os dados de campo evidenciam isso mesmo, com mais de 83% da amostra classificada nas categorias de devoto e omnívoro, havendo 12% de não utilizadores auto-declarados.

Estes dados sobre o não-uso têm sido enfatizados por alguns autores como um contributo relevante para uma compreensão mais ampla do impacto das tecnologias digitais, com ênfase para o conhecimento das implicações sociais do não-uso. Baumer e colegas trabalharam nesta linha ao estudarem, numa amostra de 410 indivíduos, as estratégias implementadas para limitar, abandonar ou deixar temporariamente o Facebook. Uma das categorias que tipificaram foi a de resistência atrasada (*lagging resistance*), englobando indivíduos que querem sair do Facebook mas que vão adiando essa decisão por motivos que vão desde imposições instrumentais externas a receios pessoais ou a pressões sociais que estigmatizam o não uso como um comportamento desviante. Neste sentido, o (não)-uso da tecnologia também assume um papel simbólico relevante, com uma vertente performativa que é de sublinhar.¹⁸ A componente performativa do não-uso, no caso da rede social Twitter, também foi sublinhado por Schoenebeck ao enfatizar que o não-consumo era frequentemente percebido como elitismo autodidacta.¹⁹

Mais recentemente, a fadiga das redes sociais (*social media fatigue*) tem sido apresentada como um dos motivos para a desconexão, para o uso intermitente ou mesmo para o abandono de algumas redes sociais. Desde a sua conceptualização em 2014, a fadiga das redes sociais é referida como um problema mental decorrente do uso compulsivo e excessivo das redes sociais, com efeitos negativos nas relações individuais ou no desempenho académico e/profissional.²⁰ De acordo com Ravindran *et al.* a fadiga das redes

18 Baumer *et al.* "Limiting, Leaving, and (Re)Lapsing: An Exploration of Facebook Non-Use Practices and Experiences".

19 Schoenebeck, "Giving up Twitter for Lent: How and Why We Take Breaks from Social Media".

20 Thara Ravindran *et al.* "Antecedents and Effects of Social Network Fatigue".

sociais pode decorrer das dinâmicas sociais ou das interações sociais dos membros da rede social, dos conteúdos disponibilizados nas redes sociais, de mudanças não desejadas nas plataformas destas redes sociais, de práticas imersivas auto-percepcionadas como exacerbadas pelos utilizadores ou de uma evolução natural da fase da vida do utilizador ou do seu grupo de relações.²¹ Vários estudos evidenciam que a fadiga das redes sociais está diretamente ligada a emoções negativas decorrentes do uso das redes sociais como sejam cansaço, esgotamento, exaustão, frustração ou desinteresse pela comunicação.²² Por outro lado, algumas trabalhos evidenciam que, com base no conhecimento do comportamento dos indivíduos relativamente às redes sociais, é possível reduzir as práticas de uso pessoal descontrolado ou aditivo das redes sociais.²³

A DESCONEXÃO COMO COMPORTAMENTO INFOCOMUNICACIONAL: MODELO DE PESQUISA SOBRE AUTO-PERCEÇÕES DE DESCONETIVIDADE DIGITAL

De acordo com Wyatt é necessária mais pesquisa para conhecer os motivos que levam os indivíduos a resistir ou rejeitar a tecnologia, com consciência do pressuposto de que estudar os utilizadores é importante mas que isto conduz ao risco de percecionar a adoção da tecnologia simplesmente como a norma.²⁴ Por outro lado, a mesma autora sublinha que os trabalhos, sobretudo de final da década de 1990 e de inícios do novo milénio, centravam a sua atenção num nível abstrato, abordando o utilizador genérico ou ideal sem examinar as práticas quotidianas de pesquisa da

21 Ravindran, Kuan, and Lian.

22 Han Zheng and Rich Ling, “Drivers of Social Media Fatigue: A Systematic Review”.

23 Hou *et al.* “Social Media Addiction: Its Impact, Mediation, and Intervention”.

24 Wyatt, “Non-Users Also Matter: The Construction of Users and Non-Users of the Internet”.

informação e o modo como as tecnologias as contaminavam e delimitavam ou não.²⁵

Neste texto onde se desenham as linhas orientadoras de um modelo de pesquisa sobre auto-perceções de desconetividade digital, pretendemos justamente abordar práticas que evidenciam que a adoção da tecnologia assume configurações muito complexas, e não é somente normativa, além de nos focarmos em condutas quotidianas reais de relacionamento ou de não relacionamento com as tecnologias, tanto em termos de dispositivos como de plataformas digitais de diferentes índoles.

Nos últimos anos, tem-se associado às práticas de desconetividade digital a expressão “detox digital”, apresentada nos seguintes termos por Syvertsen: “[...] digital detox is often understood as taking a distinct break from smartphones or social media, but the term may cover different activities and mindsets. Offline periods vary from several months to less than a day. Digital detox is used to describe rules for screen-free periods and spaces, extensive and moderate lifestyle changes, gradual reductions or media diets”.²⁶ Num estudo sobre uma comunidade de participantes num campo de detox digital, onde os envolvidos procuram desenvolver práticas de uso da tecnologia mais equilibradas, Sutton explica que os “digital detoxers” optam por se desligar do excesso de trabalho e da conexão digital, no intuito de se reconectarem à natureza, de se distraírem e de desfrutarem da presença uns dos outros. Na sua perspetiva, isso ilustra um facto social atual, em que muitos indivíduos sentem que o uso da tecnologia digital reduz a sua satisfação das vivências diárias e das relações com os outros.²⁷ O digital detox apresenta-se assim como um comportamento infocomunicacional destinado a recuperar a autenticidade das relações interpessoais e a favorecer uma vida mais genuína, não mediada tecnologicamente.

25 Sally Wyatt, “Les Non-Usagers de l’internet: Axes de Recherche Passés et Futurs”, 21-36.

26 Syvertsen, *Digital Detox: The Politics of Disconnecting*, 20.

27 Sutton, “Disconnect to Reconnect: The Food/Technology Metaphor in Digital Detoxing”.

Contudo, este entendimento parece ser demasiado simplista e incapaz de captar uma prática que se tem alastrado por diversas redes sociais, onde a desconexão se assume como uma forma de estilo de vida, com intuítos de marketing, fundamentada numa retórica neoliberal, que promove as próprias redes sociais.²⁸

O conceito de comportamento infocomunicacional amplia o conceito tradicional de comportamento informacional, articulando práticas informacionais e comunicacionais diversas e integradoras, tais como relacionamento, socialização, liderança, poder, estruturas, processos, aprendizagem, inteligência, motivação, satisfação, tomada de decisão, entre outras, fornecendo um arcabouço conceptual para entender a complexidade da sociedade contemporânea, em especial no cenário das plataformas digitais.²⁹ Na verdade, o comportamento infocomunicacional tem-se revelado como um campo de estudos fértil e em evolução, dedicado a compreender as novas formas de ser, pensar, agir e se manifestar no mundo contemporâneo, exigindo-se uma postura aberta e multirreferencial, tendo como ponto de partida modelos teorizados sobre o comportamento humano a partir do advento e (r)evolução das TIC no século XX.³⁰

É neste enquadramento concetual que se pretende desenhar um modelo de pesquisa orientado para captar as dinâmicas, experiências e práticas quotidianas pessoais de conexão e de desconexão do ambiente digital, que tomam formas inesperadas, muito individualizadas ou que parecem incoerentes. Será abordado o não uso das tecnologias, procurando compreender as necessidades de informação dos indivíduos, sem sobrestimar as necessidades percecionadas pela sociedade. Os processos subjacentes ao modo como as tecnologias (dispositivos e plataformas digitais) são

28 Ana Jorge, “Social Media, Interrupted: Users Recounting Temporary Disconnection on Instagram”.

29 Luciana Ferreira da Costa and Francisca Arruda Ramalho, “Comportamento Infocomunicacional: Perspectivas Sobre Definição, Práticas e Modelos de Estudos”.

30 Íbid.

adotadas, usadas e potencialmente abandonadas serão explorados no sentido de compreender que os indivíduos não são apenas utilizadores finais sem vontade pessoal.

Assim, o estudo de que se pretende aqui traçar os alicerces está alinhado com o *cluster* “Information interaction in the digital environment” dos estudos de comportamento informacional, tal como categorizado por Deng, Xia, Hu, Li & Liu.³¹ Este cluster tem sido configurado por estudos relacionadas com tecnologias emergentes e com as redes sociais, na medida em que estas se têm imiscuído profundamente nas rotinas pessoais e organizacionais, o que torna possível a recolha de dados sobre comportamentos relativos à criação de informação, procura, pesquisa, seleção, interação, avaliação e partilha, entre outros. Evidencia-se que a Ciência da Informação é um locus científico adequado para o desenvolvimento de estudos relativos às perceções e práticas de conexão/desconexão dos indivíduos relativamente a dispositivos e tecnologias digitais. Desta forma, serão complementadas as abordagens desenvolvidas no âmbito da Interação Homem-Máquina (*Human-Machine Interaction*) ou da audiência dos média (*Media Interaction*), onde a temática da (des)conexão tem sido maioritariamente explorada.³²

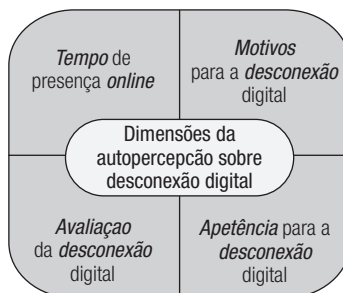
Neste modelo de pesquisa sobre auto-perceções de desconexão digital, serão consideradas quatro dimensões: 1. O tempo de presença online; 2. Os motivos para a desconexão digital; 3. A avaliação da desconexão digital e 4. Apetência para a desconexão digital.

No tempo de presença online, será considerado o tipo de ligação usada (wifi ou ligação de dados), a sua intermitência e a perceção sobre o tempo médio diário de conexão no smartphone, em geral e relativamente a conteúdos específicos. No que respeita aos motivos para a desconexão digital serão considerados motivos pessoais, relacionais e ambientais, no sentido de averiguar a influência de opiniões/sentimentos meramente individuais, o

31 Shengli Deng *et al.* “Exploring the Topic Structure and Evolution of Associations in Information Behavior Research through Co-Word Analysis”.

32 Syvertsen, *Digital Detox: The Politics of Disconnecting*, 2.

Fig. 6. Dimensões do modelo de pesquisa sobre autopercepções para a desconetividade digital



Fonte: “autopercepção”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/autopercep%C3%A7%C3%A3o>.

impacto de atitudes dos pares ou relações próximas na tomada de decisão para a desconexão ou o efeito de circunstâncias externas ao indivíduo e às suas relações, nomeadamente nas próprias plataformas digitais ou na infraestrutura de comunicação. Já a avaliação da desconexão digital prende-se com a identificação de vantagens e desvantagens desta prática, com enfoque para efeitos nas esferas mental e emocional, profissional ou dos relacionamentos com os outros. Por fim, a apetência para a desconexão digital incide sobre o grau de aceitação face à possibilidade de desconexão, nomeadamente de experiências de detox digital.

Estas dimensões de um modelo de pesquisa sobre autopercepções para a desconetividade digital serão atendidas na construção de instrumentos de recolha de dados sobre este tópico, os quais poderão revestir da forma de inquérito por questionário e/ou entrevista semi-estruturada.

CONCLUSÃO

As práticas infocomunicacionais assumem formas cada vez mais complexas e integradas, dependendo num grau elevado das

interações desenvolvidas em plataformas digitais, que pressupõem, ou mesmo exigem, um estado permanente de conexão a ambientes tecnologicamente mediados. Neste cenário, o uso autorregulado dos média digitais implica conhecimento, reflexão e ação por parte dos utilizadores individuais. Estudos incidindo sobre práticas infocomunicacionais orientadas para a desconexão dos indivíduos poderão contribuir para uma percepção mais real sobre o modo como são encarados os media invasivos em todas as esferas da vida quotidiana.

A desconexão digital surge como um comportamento infocomunicacional emergente num contexto especialmente sobrecarregado do ponto de vista da tecnologia. Importa conhecer as percepções individuais nesta matéria de modo a compreender os usos das plataformas digitais e disponibilizar novos serviços, incluindo formação para o detox digital. Com esta abordagem preliminar para configurar um estudo sobre percepções e práticas de desconexão digital, procurámos delinear um caminho para desenhar uma pesquisa incidindo neste tópico e ancorada numa abordagem de Ciência da Informação. Esta reflexão inicial precisa, agora, de ser testada e adaptada conforme os resultados obtidos com a recolha de dados num contexto efetivo de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

- Aiken, Mary. *The Cyber Effect*. London: John Murray Publisher, 2016.
- Baumer, Eric P. S., Phil Adams, Vera D. Khovanskaya, Tony C. Liao, Madeline E. Smith, Victoria Schwanda Sosik, and Kaiton Williams. "Limiting, Leaving, and (Re)Lapsing: An Exploration of Facebook Non-Use Practices and Experiences". In *Conference on Human Factors in Computing Systems-Proceedings*, 3257-3266, 2013. <https://doi.org/10.1145/2470654.2466446>.

- Carr, Nicholas. *Os Superficiais: O Que a Internet Está a Fazer Aos Nossos Cérebros*. Lisboa: Gradiva, 2012.
- Costa, Luciana Ferreira da, and Francisca Arruda Ramalho. “Comportamento Infocomunicacional: Perspectivas Sobre Definição, Práticas e Modelos de Estudos”. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 15, no. 2 (2019): 133-58.
- Costa, Luciana Ferreira da, Alan Curciono Pedreira da Silva, and Francisca Arruda Ramalho. “Comportamento Infocomunicacional”. In *Da Informação à Auditoria de Conhecimento: A Base Para a Inteligência Organizacional*, edited by Emeide Nóbrega Duarte, Rosilene Agapito da Silva Llarena, and Suzana de Lucena Lira, 149-203. João Pessoa: Editora UFPB, 2014.
- DataReportal. Digital 2021: Global Overview Report. 2021. <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report>.
- Deng, Shengli, Sudi Xia, Jiming Hu, Hongxiu Li, and Yong Liu. “Exploring the Topic Structure and Evolution of Associations in Information Behavior Research through Co-Word Analysis”. *Journal of Librarianship and Information Science* 53, no. 2 (2021): 280–97. <https://doi.org/10.1177/0961000620938120>.
- Hargittai, Eszter, and Yu-li Patrick Hsieh. “From Dabblers to Omnivores: A Typology of Social Network Site Usage”. In *A Networked Self*, edited by Zizi Papacharissi, 146–68. New York: Routledge, 2010. <https://doi.org/10.4324/9780203876527-14>.
- Hou, Yubo, Dan Xiong, Tonglin Jiang, Lily Song, and Qi Wang. “Social Media Addiction: Its Impact, Mediation, and Intervention”. *Cyberpsychology* 13, no. 1 (2019): article 4. <https://doi.org/https://doi.org/10.5817/CP2019-1-4>.
- Jorge, Ana. “Social Media, Interrupted: Users Recounting Temporary Disconnection on Instagram”. *Social Media + Society*, no. october-december (2019): 1-19. <https://doi.org/10.1177/2056305119881691>.

- Portugal, Instituto Nacional de Estatística. “Há Cada vez Mais Utilizadores Do Comércio Eletrónico, Principalmente Mulheres Sociedade Da Informação e Do Conhecimento - Inquérito à Utilização de Tecnologias Da Informação e Da Comunicação Nas Famílias”. 2021. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=473557834&DESTAQUESmodo=2.
- Ravindran, Thara, Alton Chua Yeow Kuan, and Dion Goh Hoe Lian. “Antecedents and Effects of Social Network Fatigue”. *Journal of the American Society for Information Science and Technology* 65, no. 11 (2014): 2306–20. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/asi.23122>.
- Satchell, Christine, and Paul Dourish. “Beyond the User: Use and Non-Use in HCI”. In *Proceedings of the 21st Annual Conference of the Australian Computer-Human Interaction Special Interest Group - Design: Open 24/7, OZCHI '09*, 411:9-16, 2009. <https://doi.org/10.1145/1738826.1738829>.
- Saxena, Devansh, Patrick Skeba, Shion Guha, and Eric P S Baumer. “Methods for Generating Typologies of Non/Use”. *Proceedings ACM Human-Computer Interaction* 4 (2020): Article 27. <https://doi.org/10.1145/3392832>.
- Schoenebeck, Sarita Yardi. “Giving up Twitter for Lent: How and Why We Take Breaks from Social Media”. In *Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, 773-782. CHI '14. New York: Association for Computing Machinery, 2014. <https://doi.org/10.1145/2556288.2556983>.
- Selwyn, Neil. “Apart from Technology: Understanding People’s Non-Use of Information and Communication Technologies in Everyday Life”. *Technology in Society* 25, no. 1 (2003): 99-116. [https://doi.org/10.1016/S0160-791X\(02\)00062-3](https://doi.org/10.1016/S0160-791X(02)00062-3).

- Shenk, David. *The End of Pacience: Cautionary Notes on the Information Revolution*. Bloomington: Indiana University Press, 1999.
- Sutton, Theodora. “Disconnect to Reconnect: The Food/Technology Metaphor in Digital Detoxing”. *First Monday* 22, no. 6 (2017). <https://doi.org/https://doi.org/10.5210/fm.v22i6.7561>.
- Syvrtesen, Trine. *Digital Detox: The Politics of Disconnecting*. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2020.
- Wilson, T. D. “Human Information Behavior”. *Informing Science: The International Journal of an Emerging Transdiscipline* 3, no. 2 (2000): 49-55.
- Wyatt, Sally. “Les Non-Usagers de l’internet: Axes de Recherche Passés et Futurs”. *Questions de Communication* 18 (2010): 21-36.
- . “Non-Users Also Matter: The Construction of Users and Non-Users of the Internet”. In *How Users Matter: The Co-Construction of Users and Technologies*, edited by Nelly Oudshoorn and Trevor Pinch, 67-80. Cambridge, MA: MIT Press, 2003.
- Zheng, Han, and Rich Ling. “Drivers of Social Media Fatigue: A Systematic Review”. *Telematics and Informatics* 64, no. February (2021): 101696. <https://doi.org/10.1016/j.tele.2021.101696>.

Las prácticas sociales en la producción, la distribución y el acceso a la información mediadas por las tecnologías digitales. Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información/UNAM. La edición consta de 100 ejemplares. Coordinación editorial, Anabel Olivares Chávez; revisión especializada y corrección de pruebas, Valeria Guzmán González; revisión de pruebas, Carlos Ceballos Sosa y Valeria Guzmán González; formación editorial, Ruth Eunice Pérez. Fue impreso en papel cultural de 90 g en los talleres de Litográfica Ingramex, Centeno 162-1, Col. Granjas Esmeralda, Alcaldía Iztapalapa, Ciudad de México, C. P. 09810. Se terminó de imprimir en diciembre de 2022.